

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

O ARQUEOLOGO PEREIRA BOTTO

Honra-se hoje «O Heraldo» publicando o retrato do fundador do Museu Arqueologico Lapidar «Infante D. Henrique», de Faro, Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto.

O facto, tão simples na essencia, vai talvez merecer reparos da parte de todos aquelles que, animados por uma orientação perfeitamente incompativel com os verdadeiros principios democraticos e obscurecidos pelo mais exagerado e cego facciosismo, estão sempre dispostos a ver um adversario em quantos pensam diversamente e um «reacionario» sob o tecido de todas as garnachas.

E' evidente que tal orientação nunca poderia ser a nossa.

Acentuadamente livre dessa brotoeja daninha, que tanto tem prejudicado a Republica, acorrendo-a á grande força da Incompetencia, «O Heraldo», cumprindo á risca o programa delineado no seu primeiro numero, vem hoje lembrar a todos os algarvios que, muito acima da efervescencia das paixões politicas, num ambiente purissimo, gerado pela homenagem consciente dos estudiosos, domina, impondo-se á veneração dos vindouros, a memoria de todos aquelles que trabalharam pelo engrandecimento moral e material desta encantadora provincia.

Sob este ponto de vista «O Heraldo» tem apenas um fim: prestar a sua homenagem singela, mas sincera, aos que, muito antes de nós, souberam honrar a divisa *Pro Algarve*, pela qual combatemos desde que, em jornaes algarvios, publicámos o nosso primeiro artigo.

Perante essa falange luminosa a nossa orientação não permite destrinças nem pretende saber qual a jerarquia social dos homenageados, preocupando-se, apenas, em aprecia-los pelos serviços que prestaram ao Algarve.

Nessa legião valiosa, Pereira Botto ocupa um lugar de evidencia. Os seus importantissimos trabalhos de arqueologo organisador

Numa época, em que a Jogralidade e a Incompetencia, como verdadeiras arvores do mal, alastram as suas raizes no terreno fungoso

do pratico não traduzia, servir—e isso nos basta—para testemunhar mais tarde que soubemos pugnar pelos mais lidimos principios

cidade foi concitada para o Museu Arqueologico Lapidar «Infante D. Henrique», impunha-se a divulgação do retrato do seu dedicado e inteligenissimo fundador.

Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto, filho de João Maria Pereira Botto e de D. Maria Cecilia Ferreira Botto, nasceu em Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, a 13 de Março de 1851.

Entrou aos 11 anos para o seminario de Santarem, onde fez os primeiros estudos, cursando depois o liceu da mesma cidade.

Distinguindo-se pela sua applicação, foi provido no ensino do 1.º e 2.º anos de Matematica e Filosofia da seminario, ao tempo em que frequentava o 5.º ano teologico do mesmo instituto.

Foi reitor do seminario de Rachol e professor de Ciencias Ecclesiasticas no extinto Seminario Episcopal de Faro, cuja vice-reitoria assumiu em 1882, prestando valiosos serviços no exercicio deste cargo.

Pertenceu á Academia de Ciencias, de Lisboa, á Academia de Historia, de Madrid, á Associação dos Arquitectos e Arqueologos Portuguezes e a muitas outras agremiações eruditas, nacionaes e estrangeiras.

Por portaria de 24 de Abril de 1901 foi encarregado de estudar em França e Inglaterra a organização dos estudos antropologicos e preistoricos.

Levado pelo seu grande amor á Ciencia; e tendo, para assim dizer, uma segura intuição do futuro, Pereira Botto foi tambem o fundador do Posto Meteorologico «D. Francisco Gomes» de Faro, o primeiro, segundo cremos, que existiu no Algarve.

Expostas, embora muito succintamente estas poderosas razões, quem poderá julgar descabida a publicidade que damos ao retrato



O arqueólogo Joaquim Maria Pereira Botto, benemerito fundador do Museu Arqueologico Lapidar «Infante D. Henrique» de Faro

de um Museu acentuadamente regional, impõem a sua memoria á veneração e ao respeito de todos os algarvios que se presam.

e miasmático da nossa profundissima perversão moral, impunha-se, muito naturalmente, uma salutar reacção que, quando outro resulta-

da Justiça, lembrando nomes que ninguém deve esquecer.

Num momento em que a atenção de todos os habitantes desta

Cronica citadina

OS RAIOS X

Decididamente Faro intellectualisa-se, progride, e, apesar da tenaz opposição da coorte dos retrogrados e dos egotistas, vai trilhando, pouco a pouco, o luminoso caminho da Civilização.

Se até já cá tem os Raios X! Pois tem. Trouxe-os a este rincão da antiga Turdetania a arrojada iniciativa dos nossos presados amigos o dr. Silva Nobre e o farmaceutico Anibal da Fonseca Alexandre.

Vieram os Raios X e, como pessoas que se presam, buscaram optima instalação, visto que tencionam demorar-se.

Alojou-os condignamente o Anibal, ali na sua farmacia, proporcionando-lhes aquellas indispensaveis e carinhosas atenções a que todos os recém-vindos tem direito.

Graças ao acolhimento, eles ficaram.

Pois ali estão e já começaram a exercer a sua prestante industria.

Agora, graças a eles, aos maravilhosos e incomparaveis Raios X, sem dificuldades de maior já a Ciencia pôde assestar a sua criteriosa lupa sobre as mazelas da humanidade padecente, iniciando assim um ataque formal e de seguro exito contra os agentes mórbitos que ameaçam destrui-la.

E para que tudo fique completo, visto que, dispôr dos Raios X é o mesmo do que estar habilitado a ver um triste mor-

tal do avesso, só nos falta que surjam para ali outros dois bem intencionados com a apreciavel lembrança de arranjar um aparelho de Raios X para analyses psicologicas, averiguando-se, assim, do estado sanitario das almas ou, pelo menos, determinando-se com precisão rigorosa, quantos dos nossos concidadãos tem... teias de aranha no cerebro.

AS GRALHAS

As «Gralhas» são o mais terrivel «Cábrion» dos que labutam nesta rude faina da Imprensa.

Elas causam mais prejuizos num jornal do que um cento de pardaes num telhado.

Elas assassina a Gramatica destruindo a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe; esfarrapam o Estilo, golpeando-lhe a Pureza, a Correção e a Clareza e, como se tudo isto não bastasse, lançam

muitas vezes a nota burlesca num assunto acentuadamente serio... e vice-versa.

O jornalista escreve Pedro. O jornalista dá uma Exª, vem a «Gralha» e malcreadamente transforma a Exª em «insulencia». Ele põe um ponto final, vem ela e substitue o ponto por uma virgula, por um parêntese, ou por qualquer dos outros sinais gráficos que menos com o ponto se pareçam.

A «Gralha» destroe periodos, amachuca paragrafos e lança a perturbação e a desordem nas columnas do mais pacifico jornal.

Formamos sempre estes juizos acerca das «Gralhas» mas muito mais radicalmente os vimos no nosso espirito quando, ao expedir o numero passado do «Heraldo» descobrimos, além de outras de somenos importancia, duas quesilentas «gralhas» que algo nos arreliaram.

Para mais facilmente escaparem, alojaram-se as malditas na «Carteira» e além de outros danos, trocaram ao sr. Sebastião Inacio da Gama Carvalho o nome de Inacio pelo de Mario e, o que é mais, suprimiram o Dom á Senhora Dona Maria das Dores Amores de Campos, cujo casamento noticiamos.

E' certo que, quem nos conhece bem nos sabe incapaz de qualquer gesto desprimoroso por insignificante que seja, mormente para com uma Senhora.

No caso presente, tratando-se, de mais a mais, de uma noticia respeitante á familia de dois nossos presados amigos de ha muitos anos, o professor Lino Amores e o dr. Maniel Pedro Guerreiro, é claro que são estes srs. os primeiros a prestarem-nos a justiça de acreditarem que a nossa pena tinha posto um D. antecedendo o nome da gentil noiva e que foi a «Gralha», a daninha e quesilenta

de um homem que, além de sacerdote exemplar e não sendo algarvio, trabalhou pelo Algarve de forma a legar aos filhos desta provincia, o valioso produto do seu labor e a lição proveitosissima da sua perseverança?

Monsenhor Pereira Botto faleceu em Lisboa, em Janeiro de 1908, sendo a sua morte muito sentida pelos seus numerosos amigos e admiradores.

gralha que o arrebatou, deixando em seu lugar uma inconviniente lacuna que esta nossa explicação muito gostosamente preenche, evitando que os mal intencionados bordeem sobre o caso as suas habituaes e disparatadas considerações.

E, francamente, não apurámos ainda bem se as gralhas conseguem ser peiores do que os mal intencionados ou estes peiores do que elas...

A GREVE ACADEMICA

Fertil em acontecimentos mais ou menos pitorescos, a passada semana trouxe-nos a nota irrequieta e bulhosa de que a Academia Farense, solidaria com toda a Academia do país, ia declarar-se em greve.

E o boato correu, alarmando tudo e todos.

Bem pôde até dizer-se que:

As mães que o som terrível escutaram
Ao peito seus filhinhos apertaram...

Mas, afinal, a atoarda diluiu-se facilmente, quasi ainda mesmo antes de tomar corpo.

No Liceu não deixou de ser dada uma só aula e nos outros estabelecimentos de ensino cidadãos falou-se tão vagamente do movimento academico como da mudança das instituições na China.

Antes assim.

Considerada sob o ponto de vista escolastico, a greve é assim uma especie de fantasma semelhante ao fabuloso deus Terminus.

De um lado, sorridente, faz negações aos rapazes, mostrando-lhes a possibilidade de algumas horas de inesperado recreio; do outro, pavorosa e tetrica, aterrorisa, justamente os respectivos papás, segredando-lhes aos ouvidos que uma greve é, quasi sempre, o primeiro passo para a perda de um ano com todas as suas enormes despesas e sacrificios...

E' justo acentuar que os motivos originarios da malograda greve eram, pelo menos, razoaveis, aos olhos de todos, mas, sendo os primicias de ordem economica, é claro que, assim encaminhado como foi, o movimento devia abortar mais ou menos acentuadamente por toda a parte.

E a razão é bem simples:

Sendo a educação tão cara neste país e tão desconhecidas todas as disposições que a regulam, evidencia-se desde logo que, perante todas as anomalias e aleijões que os legistas se lembrem de inclausurar nos regulamentos academicos, tendentes á absorção dos minguados recursos dos que mandam os filhos para os estabelecimentos do Estado, os protestos devem partir dos homens e não das crianças.

Sim, salta aos olhos, que quem deve fazer as greves não são os pimpolhos, mas sim os seus respectivos papás...

LYSTER FRANCO.

A Crise Politica

Recortamos do nosso presado colega «O Povo» do dia 22, a seguinte informação:

«Cortaram hoje boatos de que não será o sr. dr. Afonso Costa o presidente do governo que vai constituir-se. Sabemos que o eminente estadista só não assumiria tal encargo se se organisasse um governo nacional. A formação desse governo nacional não parece, porém, provavel, visto os representantes do Partido Evolucionista e da União Republicana terem respondido ao sr. dr. José de Castro—que tentara, junto deles, preparar a substituição do seu gabinete por um de concentração partidaria—que esses partidos só se disporiam a fazer parte do poder, depois de declarada a beligerancia.

Desde que a hipotese do «governo nacional» esteja arredada—e ela parece estar-lo por sua natureza—o futuro governo será democratico e presidido pelo sr. dr. Afonso Costa que para tal efeito já deu, segundo nos informam também, alguns passos. No novo governo figura-se provavel a entrada da maioria das individuos que compõem o gabinete demissionario.»

Partiu na quarta feira para Lisboa o illustre Governador Civil do Distrito, dr. Joaquim da Ponte.

Crónica da Capital

AQUI E

ACOLÁ...

(Pé da vida)

O «biberon» proferido

Pregoa-se que este inverno teríamos o nosso lirico aberto. D'ahi o entusiasmo manifesto de todos os amadores do belcanto, as elegantes—rostos petalas de rosa e luzeiros do negrume da tração—já redopiavam pelas modistas rejubilando por se ostentarem em S. Carlos e os conquistadores eram já de atalaia para fazer luzir... as suas preferencias. Eis senão quando, as gazetas estampam:

«Um antigo empresario do teatro de S. Carlos requereu ao governo a adjudicação desta casa de espectaculos para explorá-la como opera lirica, sob condição de ficar isento de pagamento de quaesquer contribuições industriaes e de importar, livre de direitos, o cenário, vestuario, adreços e niais pertencas que a sua empreza necessitasse adquirir no estrangeiro. Como taes clausulas são inaceitaveis, nos termos dos artigos 23.º, 26.º e 55.º da Constituição, o sr. ministro do interior indeferiu o requerimento».

D'ahi os desalentos de agora por se dissiparem, numa vertigem de relampago, as ilusões, de, no nosso lirico, este inverno, não ecoarem os trinados das prima-donas, luzirem as damas décolletées e redopiarem esbraseantes de paixão as meninas casadouras. Não vale a pena desanimar. No Coliseu—ou não fora Antonio Santos o mais arrojado dos empresarios portugueses!—em meados de dezembro o bel canto terá a sua consagração.

A não cedencia, o indeferimento que acima leram obtido pelo empresario que se propunha explorar o teatro de S. Carlos, a verdade deve sempre dizer-se, que a elegancia poderá achar duma extranha dureza, é indubitavelmente antes duma frisante justiça.

Torna-se mister que o Estado não seja o biberon preferido para o alimento de todas as iniciativas, ainda as mais neurastenicamente planeadas.

Quer isto dizer que sejamos contrarios a qualquer patrocínio ás Belas Artes? Ninguém tal o pense, porque erradamente o faria.

Queremos dizer, franca e abertamente que, se o poderio do Estado é grande não menos é o dos particulares e que, não é de bom preceito, nos calamitosos tempos decorrentes, enfraquecer o erario publico, em arranques de condições que as leis não suportam.

Sim! Que o Estado deve deixar de ser o biberon preferido.

Para bem de todos...

Fervendo em cachão

Findou o veraneio de alguns mais retardarios; os chuveiros d'inverno começaram de visitar-nos e claro, findos esses entretenimentos das praias e das termas em que felizes creaturas levam vida descaudosa e perneam e derriçam, tudo regressou a penates e os arroumentos liboetas voltam a sentir o piso do formigueiro humano que se acotovelava, mirando, sorrindo, tesourando o proximo, inventando palões, casquinando... E como o parlamento está quasi a funcionar, os politicos fervilham e o boato impera, quasi sempre revestido da maledicencia. Entre outros, os que são caracteristicamente politicos, fervem agora em cachão. Innumera-los seria tarefa não benedictina mas vincada de puerilidade.

São tantos, tantos...

Em seára alheia

Mondando:

—A gloria é o sol dos mortos. Só brilha sobre os tumulos—Balzac.

—Pode-se perguntar a uma mulher porque chora, mas nunca porque chorou. Já se não lembra.—Dumas, filho.

—A mocidade não se perde com a idade, mas sim com as ilusões.—Tolstoi.

JOÃO DO ALEM.

Dr. Feliciano Santos

Inicia hoje a sua colaboração no *Heraldo* o nosso illustre correligionario e prestimoso amigo sr. dr. Feliciano Santos.

Jornalista distinctissimo, os seus primorosos artigos, de uma poderosa e suggestiva força convincente, encerram sempre um conselho valioso, um ensinamento util, ou uma critica finamente ironica.

Todas estas brilhantissimas qualidades contribuirão, sem duvida, para que o *Semana Politica*, a nova secção confiada á sua pena brilhantissima, seja devidamente apreciada nesta provincia, onde a tempera do belo caracter e a fina educação do dr. Feliciano Santos lhe grangearam amigos e admiradores em quantos com ele se relacionaram.

A semana politica

Lisboa, 26 de Novembro.

Confortado com a extrema unecção constitucional o governo exala o derradeiro alento depois de uma agonia prolongada.

Não deixa saudades nem gratidões, nem sequer uma lembrança que perdure. Foi um governo de expediente e de expedientes, essencialmente «empata». O seu presidente, sr. dr. José de Castro, é fundamentalmente uma boa pessoa, e sempre que quiz parecer que o não era, sempre que tentou tomar seu o principio *l'Etat c'est moi*, não conseguiu que o acreditassem ou lhe obedecessem e por isso ultimamente o conselho de ministros estava a parecer-se muito com um conselho de familia desavinda por questões de partilhas.

Após terminar uma revolução o poder foi entregue ao sr. José de Castro, que o aceitou como se em vez de uma revolução se tivesse feito um centenário. Como não tinha um programa aceitou o que a revolução lhe impunha, com a mesma indiferença do outro que, perguntado sobre que vinho preferia—branco ou tinto—respondeu que tanto fazia por que era para vomitar. Todavia, seria injusto não reconhecer que o sr. José de Castro empregou grande actividade e inextinguível diligencia em não cumprir o mandato revolucionario. Honra lhe seja, nunca se viu trabalhar tanto para nada fazer!

Após cabo de seis meses tudo está por resolver: questão internacional, separação dos funcionarios, reforma da policia, etc. E' com este programa de realisações pela frente que o sr. dr. Afonso Costa vai formar governo.

Mal comparado, o finado governo faz lembrar aqueles tíos ricos de quem se andou toda a vida a esperar uma herança e que, por fim, quando morrem só deixam dividas.

Feliciano Santos.

Dr. João Pedro de Sousa

Em serviço de advocacia, chegou a Faro no dia 24, á noite, retirando-se no dia 26, no comboio correio para a Capital, afim de tomar parte nos trabalhos parlamentares, o nosso dedicado amigo sr. dr. João Pedro de Sousa, illustre advogado e Deputado por este circulo.

Teve uma affectuosa despedida por parte dos seus amigos e correligionarios.

Propaganda de Portugal

Congresso Regional Algarvio

No intuito de registarmos tudo quanto se relacione com essa manifestação brilhantissima de actividade regional, que foi o primeiro *Congresso Algarvio*, publicamos hoje a seguinte correspondencia trocada entre a Direcção da benemerita *Sociedade Propaganda de Portugal* e o sr. Lyster Franco:

«Lisboa, 8 de Novembro de 1915.—Ex.º Sr. Lyster Franco.—Faro. Afim de podermos organizar as actas do *Congresso Regional Algarvio*, vimos solicitar de V. Ex.ª o particular favor de nos enviar copia do interessante trabalho por V. Ex.ª lido na sessão de encerramento do mesmo Congresso.

Agradecendo antecipadamente esse favor, aproveitamos este ensejo para apresentar a V. Ex.ª os protestos da nossa maior consideração. De V. Ex.ª, Mr.º At.º Ven.º.—O Secretario Geral, Jayme de Padua Franco.»

«Escola Industrial e Commercial «Pedro Nunes».

Faro, 19 de Novembro de 1915.—Ex.º Sr. Secretario da *Sociedade Propaganda de Portugal*.—Lisboa. Respondendo ao presado officio em que V. Ex.ª para conclusão das actas do *Congresso Regional Algarvio*, solicita o despretencioso trabalho que, seguidamente á defeza da tese *Arte Algarvia*, tive a honra de submeter á criteriosa apreciação do mesmo Congresso, na sua ultima sessão, tenho a honra de enviar a V. Ex.ª o referido trabalho, agradecendo, desde já, tão distinta honra.

Aproveito o ensejo para congratular-me com V. Ex.ª pela recente criação do Instituto Arqueologico de Faro, porque, tendo sido eu, embora filho de recursos intellectuais, o unico Congressista que ventilei o assunto, considero tal criação como um feliz pronuncio de que pouco a

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

S E G R E D O

(NO MEU LEQUE)

Como este leque modesto,
Meu coração palpitando
Vai pelo espaço voando
Em busca do teu olhar;
Pois é nelle que diviso
A mais ridente quimera,
Tudo o que a alma venera,
Meu enlevo e meu penar!

Nesta vida tormentosa
Como o mar encapelado,
Meu olhar enamorado
Adora os aureos fanais
Que lhe dão luz e amor.
São os teus olhos escuros,
Meigos, fulgentes e puros,
Precursadores de ideais...

E ignora este segredo!
Quando na tua presença,
Sei que te doe a indifferença
Que do meu olhar provém.
Eu quero amar-te, mas temo
Que tu não sejas sincero,
E que esse olhar que eu venero
Seja mentido tambem!...

Meu Deus! se assim succedesse
A dolorosa agonia
Que o coração sofreria
Nem mesmo quero supor!
Antes passar a existencia
Sem teus risos de ternura
E sem esperanças de ventura,
Que descrever do teu amor!

Um dia, (a gente não sabe
O que pode acontecer)
Se ainda alguém te disser
Que a «sonhadora» te amou,
Embora tu o duvides,
Lê tantos sonhos dispersos
Que transluzem nesses versos
Que o teu olhar me inspirou!

Laurinda Soritram.

PROSA

CARTA A UMA MÃE

Se te apraz, minha amiga, falemos hoje dos nossos pequeninos... queres?

Ei-lo, o irrequeto Bêbê, com os olhos interrogativos fixos em nós... a sua boquita ideal levemente entreaberta, como uma rosa que viesse lentamente a desabrochar.

Que traquina insuportavel!... Ontem, Bêbê, quebrou o relógio, enquanto tu recebias uma visita familiar; destruiu-te uma roseira que era o teu enlevo; queimou um livro, e por pouco se não dispunha da janela do teu modesto quarto andar.

Tu affliges-te, coitada! Bêbê, o mais velho dos teus petizes (—já vieram tres depois d'ele, pobre mãe!) é também o mais travesso do grupo. Dizem as visinhas que o teu pequeno está malcreado; aquelas para quem a vida não é um problema de todas as horas, as que vivem independentes, muito regaladas de descanço, de meios e de tudo, censuram-te porque não fazes como elas, que se dedicam exclusivamente á educação dos

seus garotos. Dize-lhes tu, triste mulher! que troquem durante um dia—um dia só,—a sua existencia desafogada pelo teu viver de amarguras.

Que se levantem quando o sol assoma por entre as montanhas a sua imensa face aureolada; que moirem na cosinha; que lavem a roupa, engomem os colarinhos, cosam, remendem—que se multipliquem! Dize-lhes a elas—ás felizes ociosas—que troquem pelos quatro diabretes a quem a tua vigilancia não pôde bastar, porque a trazes repartida por mil cuidados, dize-lhes que troquem o seu menino, o *enfant gaté*, que lhes ocupa todos os instantes da vida.

—Está malcreado Bêbê... Olhem a admiração! Nem que tu pudesesses ser simultaneamente, dona da casa, creadora de teus filhos, escrava do teu *ménage*, mestra e educadora...

Olhem a admiração!

MARIA VELEDA.

(Da «Emancipação Feminina»)

REMEDIO FRANCÊS

PAROPE FAMEL



Em todas as farmacias ou no deposito geral J. DELIGANT, 16, rua dos Sapateiros, Lisboa. Franco de porta compranda 2 francos.

ACTUALIDADES

A Questão Academica no Liceu de Faro

O que nos disse o Presidente da Academia.

A chamada Questão Academica, que nestes ultimos tempos tanto tem movimentado a população escolar portugueza levou-nos, muito naturalmente, a procurar saber o que sobre o assunto pensavam os estudantes do Liceu de Faro.

Para bem nos informar a tal respeito, ninguém melhor do que o quintanista, sr. José Dias Sancho, Presidente da Academia e excelente rapaz muito apreciado pelos seus condiscipulos e um novo que dia a dia vem evidenciando as suas aptidões literarias na publicação de interessantes e inspiradas poesias.

Procurámo-lo.

Acedendo, muito amavelmente ao nosso pedido, scámos habilmente a interrogar o sr. Dias Sancho sobre o assunto, iniciando assim o nosso questionario:

—O que pensa o sr. da presente greve?

—A actual questão academica a prin-

cipio ainda se entendia—diz-nos o Presidente da Academia, sorrindo...

Dizia mesmo muita gente que a greve era justa, mas hoje acabou de receber um panfleto «invenum» dos alunos do Instituto Industrial e Commercial do Porto em que elles nos provam o fundamento errado da greve de Lisboa.

Mas como o sr. quer saber do momento actual, cumpre-me simplesmente dar a minha idéa sobre o pé em que se encontra o movimento.

O que é facto, é que a gente só pelas noticias dos jornaes não pôde ajuizar do que se passa e o movimento academico está-se desviando sensivelmente do fite primitivo, pois que as reclamações que o Comité Central fizera em nome dos liceus de Lisboa foram atendidias.

A greve teve a sua origem na lei n.º 465, promulgada a 29 de Setembro do corrente ano.

Permitia essa lei aos alunos do extin-

to Instituto Industrial de Lisboa e Escola de Construções, Indústria e Comércio o poderem matricular-se no Instituto Superior Técnico em especialidades sem frequentarem o curso geral do mesmo Instituto.

Queixaram-se os alunos do Instituto Superior Técnico de que eram lesados nos seus interesses e exigiram a anulação dessa lei, anulação impossível constitucionalmente falando, porque, segundo o art. 26.º da Constituição da República, só ao Congresso da mesma compete: fazer leis interpreta-las, suspende-las e revoga-las. Ora o sr. Ministro da Instrução com estas reclamações ficava entre a espada e a parede... Pediu que esperassem pela reabertura do Parlamento. Eles não acederam! O sr. ministro também não acedeu. E declarou-se a greve. Nesta altura interveem os liceus em favor do Instituto Superior Técnico, dizendo ser injusta tal lei e, copiando um revolucionário cabeçalho da *Vanguarda*, porque *para servir o filho d'uma alta personagem da República era posta em rigor uma lei que prejudicava os alunos do Instituto Superior Técnico*.

Comtudo os grévistas de Lisboa disseram sempre bem alto não ter a sua greve intuítos políticos.

Mas não julgue V. que a greve dos liceus principiou por esse motivo... No dia 15 de novembro os alunos do liceu Passos Manuel reuniram-se, e cerca de uns cem dirigiram-se aos outros liceus convidando os colegas a irem ao ministério da Instrução lembrar a S. Ex.ª o sr. Ministro o pedido já por varias vezes feito para que fosse mantida a reforma de 1906 com os cursos de letras e de ciencias em todos os liceus. Junto ao Ministério de Instrução, porém, foram recebidos pela cavalaria que desembainhou as espadas... A comissão falou com o secretario do ministério que nada resolveu. Estavam esgotados pois os meios diplomaticos... a cavalaria guardava-os estando ainda em paz... e junto á estatua de D. José, por aclamação, a greve geral foi proclamada!

Foram estes os principios do movimento.

—Mas, e na provincia?
—Organizado em Lisboa o *Comité Central* este officio para a provincia pedindo a adesão moral e material dos liceus.

Aqui em Faro, por exemplo, recebeu-se um officio, officio que resolveu a Academia, reunida em Assembleia Geral no Teatro Circo, a mostrarem solidaria com os colegas da capital. Demais, quando a questão derivava já para as propinas...

—Que questão é essa das propinas?

—E que além das propinas serem aumentadas são encerradas as matriculas em Marco... Antigamente, eram-no em julho. D'ahi o aluno que ficava reprovado não pagava a propina do fim do ano. Com a nova lei, ficou ou não ficava reprovado, paga da mesma forma. E ainda o sr. não sabe do novo decreto n.º 1880 que nos obriga, sob pena de nos inutilizarem as matriculas, a comprarmos um caderno escolar que custa 30 centavos e que, com mais as restantes despesas, nos fica por 55 centavos. Isto é, ou a bolsa ou a vida. Porque nós possuímos já cadernetas d'outro modelo e que não estão completamente preenchidas. Com que direito nos vem o Estado obrigar a comprar um objecto que já temos? Que isso fosse obrigatorio para o 1.º ano vá... se haviam de comprar d'outras, compravam d'aquellas!... Mas nós, os das ultimas classes!... E' necessario que os encarregados de educação estejam muito ricos para ficarem calados!

—Então, e sobre a greve em Faro?

—A greve em Faro baseava-se em tres factos: solidariedade com os de Lisboa; o encerramento das matriculas em julho; e as cadernetas escolares preenchidas gratuitamente.

—Mas a greve terminou logo...

—Terminou exactamente quando o *Comité Central* em Lisboa resolveu terminar com as greves em todo o país. Mas não foi por transmissão de pensamento, foi por impotencia. Em Faro é impossivel fazer greves porque quasi todos os alunos são crianças e porque os encarregados de educação interpretam exactamente o que diz a *Biblia*: não ha peor cego do que aquele que não quer ver.

A greve em Faro! Mas o assunto é espinhoso e isto são contos largos... Basta-lhe saber que fizeram greve durante uma noite... na cama. Depois, não contavam com que militares de elevada categoria fossem *fardados* levar filhas ao liceu...

—E como está o movimento em Lisboa?

—Olhe, hoje, 23 de novembro, está o movimento de Lisboa peor do que nunca. O governo acedeu ás reclamações do *Comité*. O *Comité* portanto interveio dizendo que fossem ás aulas. Hoje mesmo recebi um officio comunicando que davam por finda a greve e que estavam sempre ao nosso lado moral e materialmente.

Mas as alunas do Maria Pia, que tinham aderido ao movimento dos colegas não acham ainda satisfeitos as suas reclamações.

Os liceus acompanham nas, o proprio

Comité se divide em opiniões e acha-se impotente para apagar o incendio que ateou.

—E o liceu de Faro?

—O Liceu de Faro, digo-lhe eu, que não sou partidario da greve, o liceu de Faro é a figura mais triste de todo o movimento!

Despedimo-nos.

E aqui tem os leitores do «Heraldo», fielmente reproduzido, tudo quanto acerca do movimento academico nos disse o digno Presidente da Academia, sr. José Dias Sancho.

Portugal no estrangeiro

O jornal «La Discussion», de Havana, publica o resumo de uma carta de sr. Luiz Rodolfo Miranda, encarregado de negocios de Cuba em Lisboa, em que se fazem referencias ao nosso país.

O illustre diplomata que tem trabalhado animosamente para o desenvolvimento das relações entre as duas nações, facilita nessa carta magníficos pormenores relativos ao povo português a quem o sr. Miranda admira «porque é gente muito hda, muito trabalhadora e tem grandes meritos. São muito patriotas, amam muito o seu governo republicano, a sua Constituição, sua terra; tudo isso é muito respeitavel. Os portugueses tem um estilo architectónico particular que é manuelino, o que ha de mais original e bello; tem uma literatura formosa e brilhante. Tem bons teatros, obras artisticamente apresentadas, sem «mamarrachos»: ha seriedade e compostura no publico. E' por todos os motivos um povo amavel o povo português.»

O sr. Miranda continua expondo as razões da sua admiração pelo povo lusitano e é indubitavel que lhe não faltam motivos ao vel-o de perto. Aos que só de longe conhecem Portugal não podemos negar a magnanimidade das suas virtudes; e, se se julgar unicamente pela sua intellectualidade, deve-se convir que se acha á altura dos países mais ricos em saber e intelligencia.

Canções do povo

Andam teus olhos perdidos
Dizes, de tanto chorar...
Pois eu perdi os sentidos
De os andar a procurar.

Puz-me a contar pelos dedos
As vezes que te falei,
Só eles sabem segredos
Que eu sabia e que não sei.

Deu-me quebranto nos olhos
Quando te estava a escrever;
Talvez fosse aviso santo
Para este amor esquecer.

Noticias de Instrução

Os nossos presados amigos e condiscipulos João Antonio Piloto e José Simões de Almeida Junior, foram nomeados, respectivamente, professores da segunda cadeira, e escultura, da Escola de Belas Artes de Lisboa.

—Requeru a sua aposentação de director da Escola Industrial da Covilhã, o sr. José da Fonseca Teixeira, que ha 32 anos vinha desempenhando aquele logar.

POR ESSE ALGARVE...

Estoi

Chegou aqui no dia 19, o sr. José Francisco da Silva, visconde de Estoi, onde lucta permanecer alguns dias.

—Tivemos o prazer de abraçar nesta aldeia, o nosso dedicado correligionario, sr. João Antonio da Silva, habilitado funcionario dos correios e telegrafos, nessa cidade.

—Vimos aqui, na terça feira, o nosso amigo sr. Antonio de Mora Fêria Junior, dessa cidade.

—Está sendo concertado o ramal da estrada do Couro da Burra a Estoi, que se encontrava em pessimo estado.

—Afim de colocar uma corda no jazigo do sr. Francisco Nugas Junior seu malogrado noivo, foi a Faro a sr.ª D. Maria de Brito Melo.

—Tem experimentado melhoras o nosso correligionario sr. Antonio Mendes.

A Estante do «HERALDO»

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

SAUDADES

Asem se intitula um folheto de quadras soltas, do sr. Vitor M. Judico da Costa, editado pela *Livraria Internacional* desta cidade.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

A Elegante

RODOLFO SILVA

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Pêles, Doubles-Faes, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc,

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obrigou-nos a retirar varios artigos já compostos para este numero e entre eles uma carta de «Um Algarvio», onde se ventillam assuntos da mais alta importancia para o desenvolvimento desta provincia.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, domingo, 28.—D. Maria do Carmo Alves, D. Carolina da Piedade Neto, D. Mariana da Silva Ribeiro, Antonio João Dias, Alfredo da Costa e o monino Eduardo Pinto.

Segunda feira, 29.—D. Elvira da Silva Monteiro, D. Maria da Silva Viagas, Antonio do Carmo Ferreira, Alfredo Augusto Guarreiro e Francisco Pedro Orilla.

Terça feira, 30.—D. Felismina de Oliveira Ferreira D. Manuela de Alfaro Mendonça, José Higinio Amado da Cunha, Carlos José Figueiredo e Joaquim Aurelio Filipe.

Quarta feira, 1.—D. Paulina de Bivar Brandeiro, D. Isabel Medeiros Domingues, D. Judith Ayala, O. Clarissa da Silva Neves, José Antonio Ferreira e Manuel Evaristo da Oliveira.

Quinta feira, 2.—D. Ana de Sousa Monteiro, D. Cristina Augusta Pacheco, Francisco André do Rosario, Joaquim de Mendonça e Melo Trindade.

Sexta feira, 3.—D. Maria de Sousa Correia, D. Joaquim da Jesus Gomes, Antonio Eduardo Macedo Ortigo, Augusto José Alves e Manuel Francisco do Silva.

Sabado, 4.—D. Margarida de Melo Neves, D. Isaura do Carmo Pontas, D. Julia de Oliveira Santos e Augusto Vicente Marroiros.

—Foi no dia 26 o aniversario natalicio do nosso correligionario, o distincto professor sr. Antonio da Cunha Belem.

Casamentos:

Pelo sr. Vitor da Costa Figueiredo, foi pedida em casamento a sr.ª D. Hda Nazário Vieira, filha do nosso presado amigo sr. Luiz Maria Vieira, de Portimão.

—Tambem foi pedida em casamento pela sr.ª D. João Carlos Gomes Mascarenhas, advogado e official do Registo Civil em Portimão, a sr.ª D. Maria Isabel Vicente Martins, genitil filha do sr. José Vicente Martins.

Nascimentos:

Teve a sua dalivrance e esposa do nosso dedicado correligionario e digno administrador do concelho da Monchique, sr. Antonio Augusto Alves. Mãe o filho encontram-se felizmente bem.

As noivas sinceras felicitações.

Doentes:

Estave ligeiramente doente o sr. dr. Artur Pavão Leal, digno delegado do Procurador da Republica em Faro.

—Encontram-se doentes:

A meoína Ana Cabegadas, uma filhinha do sr. Henrique Borges e o filhinho do sr. Raul da Silva Duarte.

—Continua gravemente enfermo o sr. dr. João Barbosa illustre Comissario de Policia do Districto.

—Entrou em franca convalescença, de pneumonia gripal que o acometeu, o sr. dr. José de Paula.

Necrologia:

Faleceram:
Em Loulé no dia 22 paracendo a uma congestão, o illustre escritor dr. Atílio Oliveira, advogado, conservador do Registo Predial e grande colecionador do *folk-lore* local.

A falta de espaço obriga-nos a reservar para o numero seguinte de *allegria* uma noticia circunstanciada acerca deste algarvio illustre.

—Tambem faleceram em Loulé o sr. José Fernandes Guerreiro, importante capitalista, figura da destaque n'aquelle concelho, e o sr. Joaquim José da Conceição, honrado artista.

—Em Moncarapacho, faleceu a sr.ª D. Alda da Conceição Chagas, com 103 anos, viúva do sr. José Francisco Chagas, de Tavira.

—Na Poeta, ha dias, a extremosa mãe do nosso presado amigo sr. José Brandeiro.

—Faleceu nesta cidade, a sr.ª D. Maria Dorothea Rebelo, prima do sr. Antonio Maria Rebelo Neves.

—Sucumbiu aos estragos de uma lesão cardiaca, tinha 77 anos de idade e contemplou no seu testamento muitas viúvas e orfãos.

Ao famílias enlutadas os nossos pezaños.

Registo Civil

Nascimentos, casamentos e obitos realizados de 19 a 27 do corrente.

Nascimentos..... 23
Casamentos..... 2
Obitos..... 4

O cancro da Emigração

Na semana finda em 18 de setembro ultimo foram conferidos pelo governo civil de Faro, 2 passaportes a emigrantes que se destinavam um para a Europa e outro para o Brazil.

Eram dos concelhos de Albufeira e Faro. Um era trabalhador e outro marítimo. Um de 21 a 40 anos, e outro de mais de 40. Sabia ler um, o outro era analfabeto.

fante, digno mestre da Armada.

—Foi a Lisboa o sr. João do O' Ramos, tenente coronel de Infantaria.

—Foram nomeados escrivães das Exações Fiscaes os srs. Primo Pacheco e José Mendes Tello, sub-chefes fiscaes, e João Gil, fiscal de 1.ª classe; official de diligencias o fiscal de 1.ª classe Joaquim Bonito d'Assis Cabrita.

Achamos justissimas estas nomeações por recabirem em honestos empregados da prestimosa Corporação da Fiscalisação dos impostos.

—Esteve no dia 26 em Faro, dando-nos o prazer da sua visita nesta redacção o nosso correligionario sr. Constantino de Azevedo, digno juiz de paz em Silves.

—Em sua casa, caiu por uma escada, ficando muito ferido o sr. Acacio Chaves.

ANUNCIO

Companhia de Pescarias do Algarve

SÉDE EM FARO

SOCIEDADE ANONIMA

DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Anuncia-se que no dia 20 de dezembro proximo, pelas 14 horas, se ha-de realizar no escritorio desta Companhia, em Faro, na praça D. Francisco Gomes, n.º 38, assembléa geral ordinaria da mesma Companhia, para os fins indicados no n.º 2 do § 1.º e no n.º 1 do § 2.º do artigo 21 dos Estatutos, de harmonia com o disposto no § 3.º do mesmo artigo.

Faro, 25 de Novembro de 1915.

O Presidente da Assembléa Geral,

(a) João Lucio Pousão Pereira.

O CERZIDOR

“ZENITH”

Para passar o pontear meias, roupa branca e de cor, et, pois não ha nada mais rapido, perfeito e facil.

Aplica-se a qualquer maquina de costura.

Preço 700 réis.

Pelo correio mais 100 réis.

Depositario em Faro—M. F. Costa (LOJA DE LISBOA).

ANUNCIO

A Comissão Executiva da Camara Municipal do concelho de Monchique, faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias a contar da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Governo*, para provimento dos seguintes logares:—De amanuense da secretaria da mesma Camara, com o vencimento anual de 240\$00; de tesoureiro privativo da Camara com a percentagem de 2%, fixada no minimo de 200\$00 como preceitua o artigo 7.º da lei n.º 357 de 23 de Agosto de 1915; e de continuo da mesma Camara, com o vencimento anual de 140\$00.

Os concorrentes instruirão os seus requerimentos com todos os documentos exigidos no decreto de 24 de Dezembro de 1892 e mais legislação applicavel e os apresentarão na secretaria da Camara, dentro do referido prazo.

Os concorrentes ao logar de tesoureiro terão de prestar a caução de 1.500\$ em dinheiro corrente ou representada por hipoteca de propriedade com fiador idóneo ou em fundos publicos que por 2/3 da cotação do dia da assinatura da respectiva escritura atinjam aquela quantia.

A posse só será conferida depois da Camara verificar as garantias da caução oferecida, que deverá constar do respectivo requerimento, e depois da mesma caução haver sido prestada por escritura publica.

Secretaria da Camara Municipal do concelho de Monchique, 23 de Novembro de 1915.

O Vice Presidente da Comissão Executiva,

Antonio Gonçalves Maio.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem entregar nesta redacção uma mantilha de seda, perdida no passado domingo á entrada do Teatro Circo desta cidade.

Tipografia d' O Herald

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 21 E 23

FARO

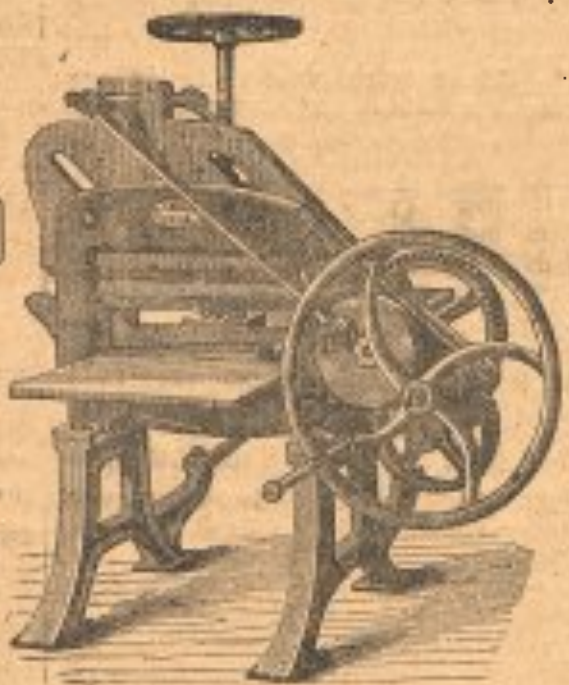
Previne-se o publico de que esta antiga officina, actualmente sob a intelligente direcção técnica do habil gráfico, José Joaquim Gomes, de Lisboa, antigo gerente da Revista Illustrada «A Faceira» do Rio de Janeiro e ex-chefe da Tipografia União, está habilitada a executar toda a especie de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos e por preços baratissimos.

BILHETES DE VISITA

“BEGLAME”

\$20 (200 rs.) O CENTO

Jornais, Revistas, Impressões completas de livros em prosa e verso com capas a cores pelos mais recentes artistas. Facturas, Bilhetes postais e de loja, Envelopes comestíveis e de officio, Papel timbrado para repartições do Estado e particular. Partilhas de rasamento, nas tintas e lino em simples e fantasia, Placards, Prospeltos de recamo, Programmas, Bilhetes de visita e teatro em todos os generos, Quotidianos, Tâbulas e Rectibos, Mapas e Tabelas em todos os generos, Folhinhas, Mostreiros artisticos, Impressões em madeira e ouro, Catálogos, etc., etc.



“A ELEGANTE,”

RODOLFO SILVA

Loulé

IMPRESSÕES A OURO, PRATA E BRONZE

ENCADERNAÇÕES EM LIVROS, TALÕES E FACTURAS

TRABALHOS

A CORES COM A MAXIMA PERFEIÇÃO

ESPECIALIDADE EM ROTULOS PARA FARMACIAS



Alfaiataria Lisbonense

RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 29

Faro

DO CONHECIDO

ALFAIATE FONSECA, de Lisboa

Participa que abriu a sua casa nesta cidade, encarregando-se da execução de obras para homem, criança e senhora (genero tailleur) por preços modicos e com um completo mesuário de mais de mil amostras de fazendas no que ha de mais chique e maior novidade para a estação de verão. Todas as obras são executadas pelo seu proprietario, tomando por isso inteira e completa responsabilidade na sua execução.

FATOS FEITOS PARA HOMEM, DESDE 8.500 A 20.000

Vae tomar medidas e provas a casa dos clientes

COMPANHIA DE SEGUROS

SÉDE NO PORTO
R. de Santa Teres, 2-C-1.º
End. tel. Seguros-Porto
Telefone, 1.137

A VICTORIA

SOCIEDADE ANONIMA DE
RESPONSABILIDADE LIMITADA
Agencias em todas as cidades e vilas do Paiz

CAPITAL, ESC. 500:000\$00

DEPOSITO DE GARANTIA NA CAIXA GERAL DE DEPOSITOS, ESC. 25:000\$00

Seguros de searas e eiras, pastagens, cereaes, palhas, maquinas debulhadoras, arvoredos, etc.

Seguros terrestres, maritimos, valores pelo correio, quebra de chapas de vidro e espelhos e lucros esperados

DELEGAÇÃO EM LISBOA na RUA DO ARSENAL, 84, 1.º

Telefone, n.º 403

End. tel. Seguros

Acceitam-se agentes nas terras onde os não houver

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000:000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)
Seguros contra fogo—Seguros maritimos—
Seguros de cristais—Seguros contra roubos—
Seguros postaes—Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Representante em Faro,

MANUEL FRANCISCO COSTA

INSTRUÇÃO SECUNDARIA E PROFISSIONAL

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Química Elemental (8.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO, escudos—1.750)

Obra útil e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciência: as theorias quimicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento, a parte descriptiva é rica na indicação de experiências atraentes e preparações de verdadeiro interesse na vida prática; os problemas fundamentais da química elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literaes e exemplificações numericas da disposição dos cálculos. Este compendio foi adoptado em seguida a sua primeira publicação em qua todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normaes, industriaes e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distintos professores.

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normaes (12.ª Edição).

Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 400 gravuras. PREÇO, escudos—1.720

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso de 1899, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no *Diario do Governo* n.º 261 do mesmo anno. Foi novamente escolhido para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192), e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Cada lição é acompanhada de um questionário que substitue a presença de professor e facilita a revisão das materias estudadas. Além disto, também no fim de cada lição, em cuja materia podem ter lugar applicações numericas, se encontram enunciados problemas muito facéis que notavelmente contribuem para a clara comprehensão dos assuntos da respectiva lição. O seu metodo essencialmente indutivo experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particulares vantagens para se adquirirem sem difficuldade as primeiras noções exatas da física, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normaes, mas também ao ensino ministrado nos seminários, nas escolas elementares industriaes e nas de commercio e agricolas.

Tratado de Física Elemental (10.ª Edição). Um volume de IV

764 páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO, escudos—1.780

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso geral de 1899, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diario do Governo* n.º 218 do mesmo anno. Foi novamente escolhido para o ensino liceal complementar pela Comissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192), e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente acompanhada a revisão geral do estudo da Física nos liceus da harmonia com as instruções que acompanham os programas do curso complementar, pois que, além das materias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contém as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvolvimento e metódica coleção de 277 problemas numerics abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros do ensino e que estão vulgarizadas nas escolas do Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das ciencias fisico-quimicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotografia das cores, da fotografia através dos corpos opacos ou raios X, das correctas do alto frequencia, dos radioconductores, da telegrafia sem fio e da radioactividade. Os principios e deducções theóricas, as experiências demonstrativas, as applicações práticas e os problemas numerics, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino theórico e pratico, a disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São tambem livros uteis fora dos cursos escolares: o amador da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (receitas e preceitos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das reacções dos corpos e da actividade indispensaveis á sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fenómenos da natureza encontram elementos que devem satisfazer ás exigencias do seu espirito.

LISBOA *Livraria Ferin*, Rua Nova do Almada, 70.—PORTO *Livraria Chardron*, Rua das Carmelitas, 144.—COIMBRA *Livraria França Amado*, Rua Ferreira Borges, 113.

LIVROS: Publicam-se os tomos 55 e 56 da HISTORIA UNIVERSAL de Oenken, o mais completo e científico repositório da historia da humanidade. Dirigir pedidos para assinatura a ALLAUD, ALVES & C.ª — Livraria Aillaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA.

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças aos olhos,

boca e dentes

Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS

EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6

FARO

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

Morada—Avenida Almirante

Reis, 92, 1.º, D.º

LISBOA

O que todos devem saber

ASSINATURA PERMANENTE

EDITORES

ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA LTD.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135 LISBOA